

Mensagem para o Domingo do Mar 2026
12 de julho de 2026

Para além da Carga e do Comércio:
O Rosto Humano do Mar

Queridos irmãos e queridas irmãs,

A vida do mundo continua a passar pelos mares, rios, lagos e vias navegáveis do planeta. Por trás do comércio global, das indústrias da pesca, dos portos, das rotas de navegação interior e das redes marítimas, encontram-se inúmeros marítimos, pescadores, trabalhadores portuários e comunidades ligadas ao mar, cujo trabalho sustenta nações, liga povos, gera meios de subsistência e apoia famílias em todos os continentes. A crise do Estreito de Ormuz veio recordar ao mundo quão profundamente a humanidade depende do mar e daqueles que nele trabalham.

Muitos dos bens de que as sociedades dependem diariamente chegam de forma silenciosa, graças à perseverança, sacrifício, competência e resistência das pessoas do mar. No Domingo do Mar, a Igreja recorda estes homens e mulheres não apenas pelo trabalho que desempenham ou pelos bens que transportam, mas como pessoas humanas criadas à imagem e semelhança de Deus e dotadas de uma dignidade inviolável. Cada uma delas tem uma história única, moldada por esperanças e receios, desafios e resiliência, relações e sonhos que merecem ser vistos, honrados e valorizados.

Hoje, muitos trabalhadores marítimos continuam a enfrentar incertezas e dificuldades crescentes. O mar, que durante tanto tempo uniu povos e nações, é palco cada vez maior de tensões, insegurança, guerra e medo. Muitos tripulantes não só enfrentam os perigos inerentes ao mar e às vias navegáveis, como também têm sido recentemente afetados por conflitos armados que resultaram praticamente no seu confinamento a bordo, na escassez de alimentos e até no receio pela própria vida. Esta situação tem agravado o seu sentimento de solidão, o seu isolamento em relação à sociedade em geral, a separação dos seus entes queridos e o seu desgaste emocional.

Paradoxalmente, mesmo numa era de maior comunicação digital, muitos marítimos vivem um isolamento cada vez mais profundo. A proximidade humana torna-se mais rara. A redução do número de tripulantes, as licenças em terra mais curtas, os horários exigentes e a pressão constante da vida marítima moderna deixam frequentemente pouco espaço para o descanso, a fraternidade ou para encontros humanos autênticos. Face a estas realidades, as pessoas precisam mais do que sistemas eficientes ou palavras distantes. Precisam de presença. Precisam de saber que são lembradas, acolhidas, escutadas e amadas.

Como recorda o Papa Leão XIV em sua primeira encíclica, *Magnifica Humanitas*, os sistemas tecnológicos e económicos nunca devem reduzir a pessoa humana a “*um dado, uma peça de engrenagem ou uma mercadoria*” (n.º 180). Pelo contrário, devem sempre salvaguardar a dignidade, a liberdade e a humanidade de cada indivíduo. Um navio nunca deve, portanto, tornar-se um lugar de isolamento silencioso ou de indiferença, uma Babel moderna onde as pessoas vivem lado a lado, mas permanecem invisíveis e sem voz. Em vez disso, a vida marítima pode ser um testemunho vivo do modo como pessoas de diferentes nações, culturas e crenças são capazes de viver a fraternidade, a solidariedade, o respeito mútuo e uma interdependência pacífica.

O próprio mar ensina, de muitas formas, à humanidade que pertencemos uns aos outros. Os oceanos não dividem os povos; unem-nos. Todos os dias, os que trabalham nos mares e nas vias navegáveis tornam-se pontes entre nações, culturas, religiões e economias. Num mundo ferido por conflitos e fragmentação, as suas vidas testemunham a possibilidade duradoura de cooperação, solidariedade e convivência pacífica. Através da sua presença pastoral, a Igreja procura recordar a cada marítimo, pescador e trabalhador do setor que nunca é esquecido e nunca está sozinho.

Ao mesmo tempo, o mar convida a humanidade a uma reflexão mais profunda. Os oceanos não são apenas rotas comerciais ou fontes de riqueza económica; fazem parte da criação de Deus, confiada à responsabilidade e ao cuidado humanos. Alimentam populações, asseguram meios de subsistência e recordam-nos tanto a beleza como a fragilidade da nossa casa comum. Atualmente, porém, os mares são cada vez mais vítimas de poluição, exploração excessiva, degradação ambiental e consequências de atividades humanas irresponsáveis. Quando os oceanos sofrem, a humanidade sofre com eles – especialmente os pescadores, as comunidades costeiras e todos aqueles cujas vidas dependem diretamente da saúde dos ecossistemas marinhos. Como afirma o Papa Leão

XIV em *Magnifica Humanitas*, o progresso autêntico nunca pode ser medido apenas pela eficiência, pelo avanço tecnológico ou pelo lucro, mas deve ser sempre orientado pela dignidade da pessoa humana, pelo bem comum e pela responsabilidade para com as gerações futuras (nos. 12 e 92). Estas palavras têm uma ressonância particular no mundo dos oceanos e da navegação interior, em que muitos marítimos, pescadores e trabalhadores do setor suportam silenciosamente solidão, cansaço, perigo e separação prolongada das suas famílias e dos seus lugares de culto habituais, enquanto desempenham fielmente o trabalho essencial que sustenta inúmeras vidas e comunidades em todo o mundo. Neste contexto, o cuidado pelo mar nunca pode ser separado do cuidado pela pessoa humana. Proteger a vida marinha, promover práticas éticas e sustentáveis, defender a dignidade e a segurança dos trabalhadores marítimos e fomentar um espírito de responsabilidade global não são prioridades concorrentes, mas dimensões de um único compromisso moral com o bem comum e com a prosperidade não só das pessoas, como do ambiente marinho que todos partilhamos.

Este compromisso encontra as suas raízes no próprio Evangelho, o qual oferece uma imagem que continua a falar de forma poderosa ao mundo marítimo dos nossos dias. No meio da tempestade, quando o medo se apoderou dos discípulos e as ondas ameaçavam o barco, Jesus permaneceu com eles: «*Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?*» (Mc 4,40). Cristo não permaneceu em segurança na margem. Participou na vulnerabilidade dos que atravessavam águas agitadas. Também hoje o Senhor acompanha todos os que vivem e trabalham no mar, caminhando ao lado dos que enfrentam a incerteza, o cansaço, o perigo e a separação das suas famílias.

E porque a Igreja é chamada a continuar a missão de Cristo no mundo, também não pode permanecer distante da experiência concreta dos trabalhadores marítimos. O Senhor que entrou no barco com os Seus discípulos continua a aproximar-se dos que navegam pelos mares e vias navegáveis interiores do nosso tempo, e a Igreja é chamada a tornar visível essa proximidade através da sua presença e do seu ministério. É chamada a entrar no barco: a acompanhar, escutar, consolar, defender a dignidade humana e tornar-se um sinal visível de esperança e de “porto seguro” no meio das tempestades da vida humana. Através das capelanias, dos ministérios marítimos e de uma humilde presença humana enraizada na longa tradição do *Apostolado do Mar* (*Opus Apostolatus Maris*), conhecido localmente em muitos lugares por nomes como *Stella Maris*, a Igreja procura recordar a cada marítimo, pescador e trabalhador do mar ou da navegação interior que é lembrado, valorizado e nunca está sozinho. No âmbito desta ampla missão

de serviço e acompanhamento, as nossas capelarias portuárias católicas do mundo inteiro acolhem homens e mulheres de todas as nacionalidades e credos. Ao mesmo tempo, estamos particularmente gratos pela oportunidade de oferecer oração, acompanhamento pastoral e os sacramentos aos marítimos católicos, que constituem uma parte significativa das tripulações e dos oficiais que chegam aos portos, longe das suas casas, das suas famílias e dos seus locais de culto habituais

Expresso a minha profunda gratidão a todos os marítimos, pescadores, trabalhadores do setor marítimo e suas famílias do mundo inteiro. Agradeço-vos não apenas pelo que fazeis, mas por aquilo que sois. Os vossos sacrifícios sustentam o comércio global, a segurança alimentar e o bem-estar de inúmeras comunidades. Expresso também a minha sincera gratidão aos capelães, voluntários, organizações de assistência e agentes pastorais que, com fidelidade, continuam a levar amizade, oração, escuta e apoio concreto aos portos e navios de todo o mundo. Que este Domingo do Mar renove em todos nós um compromisso mais profundo com a proximidade, a solidariedade, o cuidado da criação e a solicitude por todas as pessoas que vivem e trabalham nos mares e nas vias navegáveis interiores. Confiando-os à proteção de Maria, Estrela do Mar, rezamos pela segurança, dignidade, paz e esperança de todos os que viajam e trabalham sobre as águas.

Card. Michael Czerny, S.J.

Prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral